

CARTAS TRISTES: A EXPERIÊNCIA DA EPILEPSIA NA CORRESPONDÊNCIA ENTRE MACHADO DE ASSIS, MÁRIO DE ALENCAR E CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.

Aluna: Samantha Valério Parente Souza

Orientadora: Margarida de Souza Neves

Introdução

Este trabalho recolhe os resultados da etapa conclusiva de uma bolsa de Iniciação Científica da FAPERJ e se integra ao Grupo de Pesquisa que desenvolve o Projeto *Ciência e Preconceito: uma história social da epilepsia no pensamento médico brasileiro de 1859-1906*, coordenado pela Professora Margarida de Souza Neves, do Departamento de História. O sub-tema que desenvolvo é o estudo dos escritos autobiográficos de pessoas com epilepsia no século XIX e início do século XX. Na primeira etapa trabalhei com um texto autobiográfico de Maria Isabel de Alcântara Brasileira, a Condessa de Iguassú, filha bastarda de D. Pedro I e da Marquesa de Santos e que, tal como seu pai, tinha epilepsia. Na etapa atual, analisei a correspondência trocada entre Machado de Assis, Mario de Alencar e Carlos Magalhães de Azeredo, três literatos brasileiros da virada do século XIX para o século XX, membros da Academia Brasileira de Letras e, os três, diagnosticados pelos médicos da época como *epiléticos*.

Objetivos

O objetivo principal desta etapa do trabalho é investigar como a experiência da doença aparece nestes particulares escritos autobiográficos que são as cartas privadas, e de que maneira a experiência comum da doença, cercada, na época como agora, por fortes preconceitos, constrói laços de solidariedade entre os três intelectuais.

Esse objetivo maior se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

1. verificar de que forma a experiência da epilepsia está presente na construção da *persona* dos três literatos presente nas cartas que trocaram entre si e como a vivência comum dos estigmas e preconceitos que cercavam a doença permite cumplicidades e constrói solidariedade entre os três.
2. Identificar o papel da Academia Brasileira de Letras em relação aos três intelectuais, por um lado como a instituição que consagra publicamente os três escritores com o título de imortalidade e, por outro, como guardião dos segredos privados dos três, já que é a ABL que abriga, conserva e publica as cartas pessoais de Machado, Mário Alencar e Magalhães de Azeredo.
3. Analisar as cartas buscando identificar, nas alusões à epilepsia, a presença dos conceitos médicos da época sobre a epilepsia e a construção da representação desta doença por aqueles que, sendo intelectuais respeitados e reconhecidos, dela sofriam.

Metodologia

As cartas constituem documentos muito particulares. Se, para os historiadores que as analisam, elas aparecem impregnadas de intimidade e repletas de história, e podem criar a ilusão de permitir o acesso à realidade mais íntima dos missivistas, é preciso levar em conta,

como afirma Silvia Ilg Biyngton [1], que são, sobretudo, documentos, como qualquer texto autobiográfico, em que o autor constrói sua *persona*, a imagem de si que pretende consolidar e registra como quer ser visto pelos demais. São também, tal como sugere Ângela de Castro Gomes [2], *espaços de sociabilidade* especialmente significativos na época estudada. É com esta dupla perspectiva que, metodologicamente, as cartas foram analisadas.

A perspectiva comparativa entre as cartas e as teses médicas produzidas na época permitiu por em evidência semelhanças e diferenças em relação à representação da epilepsia construídas por médicos e por pessoas com epilepsia, tomado o conceito de representação na perspectiva proposta por Roger Chartier [3], que afirma que as representações permitem a apreensão e a comunicação das experiências do mundo natural e do mundo social, conferindo-lhes determinadas referências comuns, organizadas em um quadro conceitual.

Conclusão

1. A análise das cartas permite concluir que a epilepsia sempre aparece de forma alusiva na correspondência desses três missivistas, que, mesmo quando trocam suas experiências sobre a doença, não ousam chamá-la por seu nome. Outro denominador comum das cartas é o medo da doença, da exposição pública das crises e da possibilidade da loucura, que, segundo os médicos de então, a epilepsia implica.
2. O estudo da correspondência trocada entre os três escritores permite perceber que há uma triangulação na qual Machado está no topo, por ser o mais velho, o mais reconhecido no mundo literário e, no que diz respeito especificamente à experiência da doença, o mais sujeito às crises públicas de epilepsia.
3. Operar com o conceito de *Cidadela Letrada* na acepção de Angel Rama [4], aplicado à Academia Brasileira de Letras e também à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, permitiu considerar essas duas instituições como agências de legitimação pública de seus membros. No caso do discurso médico sobre a epilepsia, a Faculdade e a Academia Nacional de Medicina são trincheiras de formulação de conceitos sobre a doença e sobre os doentes que são assimilados pelos que têm epilepsia. No caso dos três literatos que eram, também, pacientes de epilepsia, a ABL significa uma trincheira de defesa de suas figuras públicas e um refúgio para seus segredos privados.

Referências

- 1 – BIYNGTON, Silvia Ilg. “*Prezados Modernistas*” In NEVES, Margarida de Souza, CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). **História em cousas miúdas. Capítulos de História Social da crônica no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- 2 – GOMES, Ângela Maria de Castro (org). **Escrita de si. Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- 3 - CHARTIER, Roger. **A História cultural. Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro/Lisboa: DIFEL/Bertrand, 1988.
- 4 - RAMA, Angel. **A cidade das Letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.